# CHEGA DE ASSÉDIO: VISIBILIZANDO O ASSÉDIO SEXUAL NO CONTEXTO UNIVERSITÁRIO

**Luana Fagundes da Silva** [1]

**Fabiane Ferreira da Silva** [2]

**Resumo:**

O assédio sexual é um grande problema na vida das mulheres em diferentes contextos, dentre eles o contexto universitário, uma vez que diariamente ocorrem casos de assédio sexual dentro da universidade. Existem índices alarmantes que nos levam a enxergar o quão importante é tratar desse assunto no meio acadêmico e na sociedade em geral. No passado não se falava tanto sobre o assédio, quando o assunto veio à tona várias mulheres se sentiram mais à vontade em poder falar sobre os assédios que já haviam sofrido. Apesar de atos, campanhas e muita luta contra o assédio sexual, ele ainda faz parte da vida das mulheres. Portanto, debater sobre o tema é necessário, uma vez que o assédio acontece de várias formas, pode ser um toque, um comentário, uma "brincadeira", um convite inadequado, até a maneira mais escancarada que é agarrar a força outra pessoa. Nesse contexto, cabe destacar que muitas vezes mulheres e homens desconhecem que atos como um comentário por mais que seja impróprio e constrangedor configure um tipo de assédio. Por isso esse tema deve ser bastante debatido, principalmente nas universidades onde o índice de assédio sexual é muito alto. O medo de estar na universidade aumentou e muitas das universitárias deixam de fazer as atividades acadêmicas por medo do assédio. Portanto, o assédio é crime, uma violação aos Direitos Humanos, uma forma de violência que pode gerar uma série de transtornos. O assédio sexual na universidade precisa ser visibilizado, discutido e combatido, pois impede que as mulheres exerçam sua cidadania em igualdade de condições com os homens. Além disso, debater esse tema pode ajudar as mulheres a se empoderarem e denunciarem as situações ocorridas.

**Palavras-chave:** Assédio sexual, mulheres, gênero, universidade.

**Modalidade de Participação:** Iniciação Científica

CHEGA DE ASSÉDIO: VISIBILIZANDO O ASSÉDIO SEXUAL NO CONTEXTO UNIVERSITÁRIO

[1] Aluno de graduação. luhfagundes08@gmail.com. Autor principal

[2] Docente. fabianeunipampa@gmail.com. Orientador

# CHEGA DE ASSÉDIO: VISIBILIZANDO O ASSÉDIO SEXUAL NO CONTEXTO UNIVERSITÁRIO

## 1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa objetiva discutir um tema contundente, mas ainda pouco explorado, trata-se do assédio sexual de mulheres nas universidades, uma vez que as instituições de ensino superior vêm ignorando há muito tempo o assédio de mulheres, fruto de uma sociedade patriarcal que olha para o assédio como um galanteio que deve ser recebido e aceito pelas mulheres. Devemos parar de naturalizar esse tipo de ações, afinal, quantas mulheres ainda precisam ser assediadas sexualmente para que se faça alguma coisa? Quantas acadêmicas devem parar de realizar suas atividades para que possamos atuar no combate ao assédio? Nessa perspectiva, a proposta que aqui se apresenta será a de tratar o assédio sexual dos homens às mulheres. Esta opção justifica-se pela maior existência de ocorrências deste tipo, já que nos dados do Anuário Brasileiro de Segurança mostram que 89% das vítimas de assédio são do sexo feminino (Anuário Brasileiro de Segurança Pública, 2016).

Atualmente, todos os dias várias mulheres sofrem assédio sexual, pois ainda vivemos em uma sociedade na qual existem discursos em que é dito que a mulher que é vítima de estupro provocou a situação. Esse entendimento faz parte do que é denominado "cultura do estupro", ou seja, "o conjunto de violências simbólicas que viabilizam a legitimação, a tolerância e o estímulo à violação sexual" (SOUSA, 2017, p. 13). A cultura do estupro nada mais é que um termo utilizado para tratar das formas que a sociedade culpa as mulheres vítimas do assédio sexual e normaliza o comportamento dos homens. Ela estava de saia curta; ela estava indo para uma festa; ela não deveria andar sozinha à noite; ela estava pedindo; ela estava provocando; ela bebeu demais, são alguns exemplos de argumentos usados na cultura do estupro.

A cultura do estupro tem sérias consequências, fere os Direitos Humanos, em especial o direito das mulheres. De acordo com Chaui (1986, p. 14) o termo cultura é "o campo simbólico e material das atividades humanas", o que não quer dizer que, todos os homens sejam estupradores, nem que a sociedade seja responsável pela prática do estupro, e sim que de várias formas, a cultura do "machismo" e da misoginia acaba contribuindo para que continue esse tipo de violência, principalmente contra a mulher. Esses comportamentos são manifestados de muitas formas, cantadas, piadas, ameaças, assédio, tanto moral quanto sexual, vemos relatos assustadores de universitárias denunciando o abuso sexual dentro das mais respeitadas instituições de ensino superior do país. As mulheres vivem sob constante ameaça, não existe nenhum lugar seguro e por esse motivo nenhum argumento tem o direito de normalizar ou justificar esses atos criminosos.

## 2 METODOLOGIA

A presente pesquisa caracteriza-se como de natureza exploratória, sendo que foi utilizada a pesquisa documental como estratégia para a coleta de dados. Desse modo, foram analisados documentários, dados de pesquisas, reportagens, entre outros, com o objetivo de mostrar que o assédio sexual está muito presente no contexto universitário.

De acordo com Silva e Grigolo (2002), citado por Fabiano Maury e Ilse Maria (2006), a pesquisa documental utiliza-se de materiais que ainda não receberam nenhuma análise aprofundada. Este tipo de pesquisa objetiva, assim, selecionar, interpretar e tratar a informação bruta, buscando extrair dela algum sentido e inserir algum valor, podendo, deste modo, contribuir com a comunidade científica a fim de que outros possam a desempenhar

futuramente o mesmo papel. Já no entendimento de Almeida et al. (2009) a pesquisa documental é muito próxima da pesquisa bibliográfica. O que diferencia é a natureza das fontes: a pesquisa bibliográfica remete para as contribuições de diferentes autores sobre o tema, considerando as fontes secundárias, enquanto a pesquisa documental usa materiais que ainda não receberam tratamento analítico, ou seja, as fontes primárias. Essa é a principal diferença entre a pesquisa documental e pesquisa bibliográfica.

No presente estudo foram utilizadas definições do Ministério Público do Trabalho (MPT) que em parceria com a Organização Internacional do Trabalho (OIT) produziram uma cartilha sobre assédio sexual no ambiente de trabalho, na qual definem o assédio sexual no ambiente de trabalho como "a conduta de natureza sexual, manifestada fisicamente, por palavras, gestos ou outros meios, propostas ou impostas a pessoas contra sua vontade, causando-lhe constrangimento e violando a sua liberdade sexual" (BRASIL, 2017, p. 9). Assim, entende-se por assédio sexual todo o comportamento indesejado de caráter sexual, de forma verbal, não verbal ou física, com o propósito de incomodar ou intimidar a pessoa, afetando a sua dignidade e criando um ambiente humilhante.

No Brasil, a pesquisa realizada pelo Instituto Avon em parceria com o Data Popular sobre a violência contra a mulher no ambiente universitário, onde 60% das(os) entrevistadas(os) são mulheres, revelou que 14% das(os) participantes do estudo conhecem casos de mulheres estupradas, 11% das participantes sofreram tentativa de abuso sob o uso de bebida alcoólica e 28% delas já sofreram algum outro tipo de assédio sexual, como ser tocada sem consentimento, ser forçada a beijar um veterano, etc., 70% das mulheres já sofreram violência psicológica, moral, física ou sexual (INSTITUTO AVON, 2018).

De acordo com a pesquisa realizada pelo Think Olga em agosto de 2013, 99% das 7.762 mulheres que responderam ao questionário revelaram já terem sido assediadas (THINK OLGA, 2017) Em 2015, 45.460 casos de estupro foram registrados no Brasil, ou 22,2 casos a cada 100 mil habitantes, segundo dados do anuário do Fórum Brasileiro de Segurança Pública de 2016 (Anuário Brasileiro de Segurança Pública, 2016). Especialistas estimam, porém, que esse número representa entre 10% e 15% do total.

Em seu catálogo de filmes, a Netflix disponibiliza o documentário "The Hunting Ground", que aborda o número expressivo de casos de estupro nas universidades americanas. Dados de lá revelam que uma em cada cinco universitárias americanas são ou serão vítimas de abuso sexual. A página Chega de fiu fiu também disponibilizou um documentário onde expõe o assédio sexual e o machismo que rodeia a vida das mulheres do Brasil (THINK OLGA, 2017).

Dados revelam que em 2016 uma pesquisa da ActionAid comprovou que 86% das brasileiras já sofreram violência sexual ou assédio em espaços públicos (ACTIONAID, 2016). Delas, 77% ouviram assobios, 57% comentários de cunho sexual, 39% xingamentos, 50% foram seguidas, 44% tiveram seus corpos tocados, 37% tiveram homens que se exibiram para elas e 8% foram estupradas. Pesquisa do Ipea de 2014 mostrou que 26% dos brasileiros concordam com a afirmação "mulheres que usam roupas que mostram o corpo merecem ser atacadas" (IPEA, 2014).

Com esses inúmeros dados de pesquisas, artigos, documentários é que ressaltamos a importância da discussão desse tema no contexto universitário, pois o assédio está presente nesse meio e precisamos mudar esse cenário, alertar os sujeitos para que melhore essa situação.

## 3 RESULTADOS e DISCUSSÃO

Considerando os dados apresentados, podemos afirmar que vivemos em um mundo onde ocorrem casos de assédio sexual continuamente. Muitas notícias, comoções, mensagens

de apoio, mas pouco é feito para combater esse crime, alguns casos são esquecidos ou os abusadores não cumprem toda sua pena na prisão, muitas vezes nem chegam lá. E isso infelizmente não para de acontecer, e como consequência as mulheres se sentem vulneráveis e com medo de realizar suas atividades cotidianas.

Vale lembrar que no Brasil, em 15 de maio de 2001, a Lei nº 10.224, passou a estipular o assédio sexual como crime, através da seguinte definição: "Constranger alguém com o intuito de obter vantagem ou favorecimento sexual, prevalecendo-se o agente da sua condição de superior hierárquico ou ascendência inerentes ao exercício de emprego, cargo ou função. Pena [2]: detenção, de 1 (um) a 2 (dois) anos" (BRASIL, 2001)

Portanto, o assédio é crime, uma violação aos Direitos Humanos, uma forma de violência que pode gerar uma série de transtornos. O assédio sexual na universidade precisa ser visibilizado, discutido e combatido, pois impede que as mulheres exerçam sua cidadania em igualdade de condições com os homens. Além disso, debater esse tema pode ajudar as mulheres a se empoderarem e denunciarem as situações ocorridas.

Considerando as questões apresentadas até aqui, com a presente pesquisa buscamos chamar a atenção para a questão do assédio sexual no contexto universitário, contribuindo para o debate e mudança de comportamento.

## 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao realizar este estudo concluímos que vivemos em um mundo em que o assédio sexual infelizmente ainda é muito presente e que na maioria das vezes não é solucionado, talvez por muitas vezes não ocorrer uma discussão sobre esse tema para alertar e levar o conhecimento sobre o que é o assédio para as pessoas. Por esse motivo, deve ser bastante debatido, principalmente nas universidades onde o índice de assédio sexual é muito alto. O medo de estar na universidade aumentou e muitas das universitárias deixam de fazer as atividades acadêmicas por medo do assédio. O assédio sexual é um problema na vida das mulheres em diferentes contextos, dentre eles o contexto universitário, uma vez que diariamente ocorrem casos de assédio sexual dentro da universidade.

O assédio está associado às representações socioculturais ligadas ao gênero, aos estereótipos ligados à imagem da mulher, que enfim, retratam alguns dos padrões existentes em nosso meio social e cultural. É preciso desconstruir pensamentos sobre a "cultura do estupro" em que a mulher é culpada por sofrer o assédio, parar de naturalizar esses casos, pois não é pela roupa, pelo comportamento, pelo local, a mulher é vítima em qualquer uma dessas situações. É importante ressaltar também que o assédio sexual é uma modalidade de violência que gera as vítimas vários tipos de sofrimentos, físicos e psíquicos, tais como: medo, culpa, vergonha, depressão, crises de choro, desânimo, isolamento, perda de autoestima e confiança, dificuldades de dormir, pânico, etc., que por sua vez, pode provocar uma série de doenças ou até mesmo o suicídio.

Existem índices alarmantes que nos levam a enxergar o quão importante é tratar desse assunto no meio acadêmico e na sociedade em geral, por isso devemos continuar nessa luta para aos poucos mudar esse cenário e combater o assédio sexual.

## REFERÊNCIAS

ACTIONNAID. Na Mídia. Disponível em: <http://actionaid.org.br/na_midia/em-pesquisa-da-actionaid-86-das-brasileiras-ouvidas-dizem-ja-ter-sofrido-assedio-em-espacos-urbanos/ > Acesso em: 09 set. 2018.

ALMEIDA, C. D, GUINDANI, J. F., SÁ-SILVA, J. R. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais**, v. 1, n. 1, p. 1-15, Jul. 2009.

Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2016. Disponível em: http://www.forumseguranca.org.br/storage/10_anuario_site_18-11-2016-retificado.pdf. Acesso em: 2 jun. 2018.

BRASIL. **LEI No 10.224, DE 15 DE MAIO DE 2001**. Altera o Decreto-Lei no 2.848, de 7 de dezembro de 1940 – Código Penal, para dispor sobre o crime de assédio sexual e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/LEIS_2001/L10224.htm. Acesso em: 25 mai. 2018.

CHAUÍ, M. **Conformismo e resistência**: aspectos da cultura popular no Brasil. 6. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

INSTITUTO AVON/DATA POPULAR. Violência contra a mulher no ambiente universitário. 2015.

Disponível em: http://dossies.agenciapatriciagalvao.org.br/violencia/pesquisa/violencia-contra-a-mulhernoambiente-universitario-data-popularinstituto-avon-2015/. Acesso em: 14 ago. 2018.
IPEA. Tolerância social à violência contra as mulheres. 2014. Disponível em: http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/SIPS/140327_sips_violencia_mulheres_novo.pdf. Acesso em: 09 set. 2018.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO. Nações Unidas no Brasil. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/agencia/oit/>. Acesso em: 10 jun. 2018.

RAUP, F. M., BEUREN, I. M. **Metodologia da Pesquisa Aplicável às Pesquisas Sociais.** In: BEUREN, I.M. et al. Como elaborar trabalhos monográficos em contabilidade. São Paulo: Atlas: 2006. p 77-97.

SOUZA, R. F. Cultura do estupro: prática e incitação à violência sexual contra as mulheres. **Revista Estudos Feministas**, v. 25, n.1, p.9-29, jan/abr. 2017.

THINK OLGA. **Chega de fiu fiu**: resultado da pesquisa. 2017. Disponível em: ˂https://olga-project.herokuapp.com/2013/09/09/chega-de-fiu-fiu-resultado-da-pesquisa/˃ Acesso em: 26 jun. 2018.

THINK OLGA. **Chega de fiu fiu.** 2017. Disponível em: < https://thinkolga.com/2018/01/31/chega-de-fiu-fiu/> Acesso em: 01 set. 2018.